



# Opção e conflito

*(aspectos da existência judaica)*

Vilém Flusser

Ensaio

SHALOM FEVEREIRO 80

**A**ceitei o convite do Instituto Goethe para falar em judaicidade como duplo desafio. O primeiro tem a ver com a conjuntura brasileira: Há indícios (proscrição dos crimes nazistas pelo Supremo Tribunal, propaganda da Al Fatah etc.), que sugerem a possibilidade de surgimento de anti-semitismo. O segundo se prende ao fato de ser este Instituto, organização alemã: creio que, se os crimes dos nazistas não devem ser proscritos, igualmente não devem ser culpados por eles pessoas inocentes, como o é a enorme maioria dos alemães. Acho pois que lugar e momento são propícios para a discussão do tema.

---

Vilém Flusser é filósofo. Nasceu na Checoslováquia em 1921, radicando-se no Brasil em 1940. Lecionou na Poli e na FAAP, é membro do Instituto Brasileiro de Filosofia. Publicou "História do Diabo", "Lingua Realidade", e tem no prelo "Naturalmente" (editora "Duas Cidades"). Mora na França, onde leciona na Universidade Aix-Marcelle, e está vinculado ao Instituto de Ecologia. Publicou "La Force du Cotidien". Atualmente trabalha em comunicação, no assunto sociedade pós-industrial. "Opção de Conflito" é o texto integral de duas conferências pronunciadas, em novembro de 1979, no Instituto Goethe, em São Paulo.

A capacidade humana para a reflexão, isto é para o recuo que permite ver-se a si próprio em situação, revela as condições sob as quais o homem está no mundo. Pouco importa, sob tal visão reflexiva, se as condições existenciais são "naturais", (devidas a fatores do tipo "informação genética"), ou "culturais", (devidas a fatores do tipo "economia"). Isto importa pouco, porque condições de todo tipo são vivenciadas como imposição externa que limita a liberdade. Quando nasci não escolhi nenhuma situação, (nem a condição de ser mamífero, nem a de ser burguês), e toda condição portanto é negação da minha posição de agente livre.

Entre as condições que descubro graças à reflexão, encontro a minha chamada «judaicidade». Descubro-a enquanto um dos aspectos da minha maneira de estar no mundo. Há um sabor "judeu" na minha maneira de ges-

ticular, de falar, de andar, portanto, por inferência, da minha "forma mentis", de maneira pela qual sofro o mundo e ajo sobre ele. (A inferência se impõe, já que gestos exprimem determinada interioridade). O termo "judeu" que denomina tal sabor existencial pode ser enganador, já que designa também fenômeno que encontro quando invisto meu olhar, deixo de refletir, e passo a olhar as coisas em meu redor.

O problema é este: qual é a relação entre a judaicidade que encontro dentro de mim como uma das minhas condições existenciais, e o judaísmo que encontro em meu redor? Em determinado sentido o judaísmo é parte de mim, em outro eu sou parte do judaísmo, e não há certeza se o termo significa o mesmo fenômeno nos dois casos. Gostaria de deixar bem claro que o judaísmo do qual falarei é a condição existencial que descubro sob olhar reflexivo.

**F**ace a minha judaicidade, (como face a toda condição existencial), posso assumir três, e apenas três atitudes. Posso não admiti-la e fazer de conta que não me determina. Posso assumi-la e procurar viver dentro dos limites impostos por ela. E posso procurar superá-la. A primeira atitude não parece ser boa estratégia: toda condição reprimida tende a ressurgir e vingar-se. A segunda atitude parece oposta à dignidade humana que é precisamente busca de libertação das condições determinantes. Mas não é fácil recomendar-se a terceira atitude.

Como toda decisão existencial é penosa, darei exemplo das três atitudes possíveis. Suponhamos que, sob reflexão, constato minha condição de burguês brasileiro. Tal constatação provocará em mim um conflito. O conflito se deve ao fato de eu possuir determinados valores isto é modelos de comportamento. Enquanto "brasileiro", eu me identifico com a camada "explorada" da humanidade, (terceiro mundo), e enquanto "burguês" sou obrigado a identificar-me com a camada "exploradora" da humanidade. Posso escapar a tal conflito não admitindo minha condição burguesa. Isto me permitirá assumir atitudes "terceiro-mundistas", e, simultaneamente, de continuar a expoliar a própria sociedade na qual pretensamente estou engajado. Mas pagarei tal desonestidade existencial pelo preço, (relativamente barato), da má consciência. Posso, (segunda atitude), assumir minha condição de burguês e vivê-la à *outrance*. Em tal caso agirei honestamente enquanto capataz dos interesses que manipulam a economia, ficarei rico se tiver sorte, e poderei inclusive racionalizar a minha contribuição à economia. Mas terei traído os meus valores. E posso, (terceira atitude), procurar superar minha condição burguesa, por exemplo engajando-me culturalmente, politicamente ou socialmente em prol de um tipo diferente de sociedade.

**S**uponhamos agora que sob reflexão constato a minha condição de proletário europeu. O conflito será o mesmo. Enquanto "europeu" identifico-me com a camada "exploradora" da humanidade, e enquanto "proletário" com a camada "explorada". Posso reprimir minha condição "européia", (como o faz a enorme maioria da esquerda na Europa), e fazer de conta que não sei que, ao exigir distribuição mais justa, estou exigindo distribuição mais justa do botim do terceiro mundo. Posso, (segunda atitude) assumir-me "europeu" e colaborar

conscientemente na exploração dos mercados, (atitude tomada por alguns sindicatos). Ou poss, terceira atitude), procurar a minha europeidade por engajamento em um verdadeiro internacionalismo.

Dei os dois exemplos para ilustrar o quanto é cômoda e comum a primeira atitude, a de reprimir condições, o quanto é honesta mas eticamente duvidosa a segunda atitude, a de assumir-se, e o quanto é difícil e rara a terceira atitude, a de procurar superar-se. Aplicarei agora os mesmos critérios de escolha à condição judia.

Suponhamos que sob a reflexão constato a minha condição de judeu brasileiro. Entrarei em conflito que será ligeiramente diferente dos dois exemplos. Constatarei que meus amigos negarão que minha judaicidade me distingue deles, (que problematiza minha brasileira), e que, se admitem a distinção não são verdadeiros amigos. (Tal paradoxo, que é um dos aspectos da condição judaica, prova que se um brasileiro simpatiza com sionismo, não pode ser meu verdadeiro amigo: admite a problematização da minha condição de brasileiro). Posso resolver tal conflito simplesmente concordando com meus amigos. Negarei, como eles, que minha condição de judeu me condiciona efetivamente. Não creio que tal atitude pode ser chamada de "abnegação", já que não implica sacrifício verdadeiro. Abro mão do meu judaísmo sem me dar conta dos valores que perco. E como condição existencial nenhuma pode ser reprimida indefinidamente, corro o risco de cair vítima da minha insinceridade.

A segunda alternativa a de assumir-me judeu. Procurarei viver o mais intensamente de acordo com a minha judaicidade. Se for totalmente honesto, viverei ortodoxamente, isto é a verdadeira vida judia. Mas como uma tal decisão entraria em conflito com toda uma série de condições existenciais diferentes, (com minha condição de homem do século 20, com a de burguês etc.), procurarei fazer vários compromissos intermediários menos penosos. Participarei da vida comunitária judia, engajar-me-ei no sionismo, frequentarei a sinagoga, e, simultaneamente, participarei também da vida "brasileira" em meu redor. Obviamente, tais compromissos, por serem compromissos não resolverão o conflito. Mas isto é precisamente um dos aspectos da condição judaica assumida: levar a vida cheia de conflitos internos e externos.

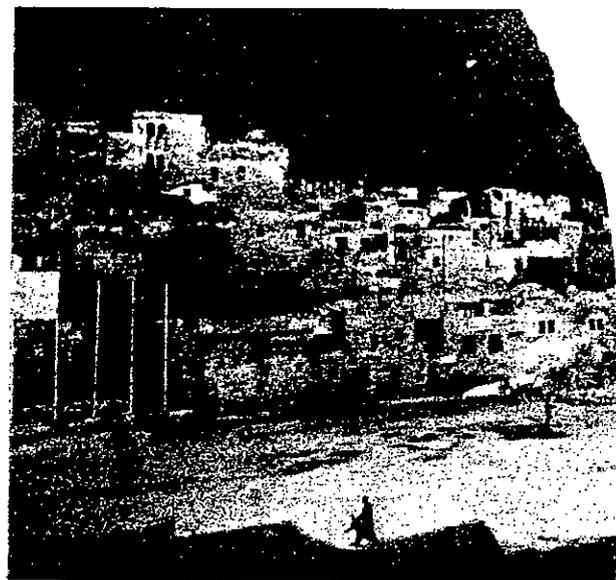
A terceira alternativa é a de procurar superar sua condição judia. Pois superação implica prévia aceitação, no sentido no qual Engels diz que liberdade é conhecimento da necessidade. Se quero superar meu judaísmo devo saber o melhor possível o que estou superando. Procurarei, pois, analisar o essencial do judaísmo tal qual o encontro dentro de mim enquanto uma das minhas condições. A análise será necessariamente subjetiva, no sentido de ser resultado de reflexão interna. Mas como minha condição judia não é característica apenas do meu caso, mas é típica de numerosas existências, espero que a análise seguinte seja intersubjetiva, e que muitos se reconhecerão nela: se analiso os meus gestos, minha maneira de pensar, minha forma de vivenciar que chamei de "judia", se procuro descobrir o núcleo daquilo que assim se manifesta, (o "eidos"), creio poder discernir dois dados: uma vivência específica do sacro, e uma vivência específica do ato. Direi que se trata de vivência do sacro enquanto presença imediata e dialógica. E que se trata de vivência

# Ensaio

do ato enquanto gesto absurdo que dá significado ao mundo e à vida nele.

Vivencio o sacro como presença de um Outro que me chama. Sou seu, porque sou chamado de "tu pelo Outro. E tal relação é reversível: o Outro é porque eu o chamo, e se não o chamasse, não seria. Isto implica clima de "fé", que não é crença mas confiança. Não creio em Deus como creio na existência de Alpha Centauro ou na teoria de Darwin, mas creio Nele como creio no amor que minha mulher me tem. Não é fé ontológica, mas existencial não afirma (dogma), mas chama (prece). Em tal clima o sacro é imediatamente presente. Não há lugar para mediação, seja por intermédio de sacerdotes ou outras instituições humanas, seja por intermédio de santos e outros fatores sobrehumanos. Não há nem sequer lugar, em tal relação íntima de diálogo na fé, para um Cristo. Pois penso que tal vivência do sacro em sua dialogicidade imediata é tipicamente judia que se manifesta em inúmeros fenômenos, de tradição, e também na minha maneira de pensar, de valorizar, de agir, e de decidir-me. E que tal vivência independe da minha aceitação ou não da religião judia:

Vivencio todo ato como tentativa de impor um significado ao conjunto absurdo dentro do qual me encontro. Creio que ajo contra o mundo e de acordo com meu outros, a fim de que a nossa vida tenha significado. Não creio que minha ação tenha propósito qualquer em si, (por exemplo o de modificar o mundo). Creio, pelo contrário, que toda modificação do mundo se justifica apenas na medida em que dá um significado à vida humana. Pois isto é, creio, atitude tipicamente judia. O rito judeu é ato em si absurdo que visa dar significado, (sacralizar — cachrut), a vida. Quem explica um rito judeu razoavelmente, não pensa judaicamente. Carne de porco é proibida, não por ser prejudicial, mas precisamente por



ser gostosa. A utilidade dos dias da semana é o sábado, por ser ele dia inútil, (sacro). O sacrifício de Efigênia visa vitória sobre Tróia, o sacrifício de Isaac não visa nada: é absurdo, portanto ato da fé, isto é doador de significado. Viver é pois dar significado por atos, e não, como em contextos diferentes, descobrir significados escondidos, (hierofanias).

**N**ão negarei que tal maneira tipicamente judaica de vivenciar o mundo, (que creio ter descoberto dentro de mim), penetrou profundamente a cultura ocidental sob várias formas, e especialmente como cristianismo. Mas afirmarei que não se manifesta tão radicalmente em existências não judias quanto nas judias. Não digo que se trata de forma preferencial de viver, mas digo que se trata de forma insubstituível por outras. Se há "missão judaica", é a de conservar tal forma de vida para uso da humanidade.

Pois superar sua condição judaica é precisamente procurar oferecer tal forma vital em diálogo com outros. Procurar alterar os outros, ao procurar alterar-se. Admitir o outro na medida em que o outro me admite. Mudar junto com os outros: fazer com que os outros sejam mais



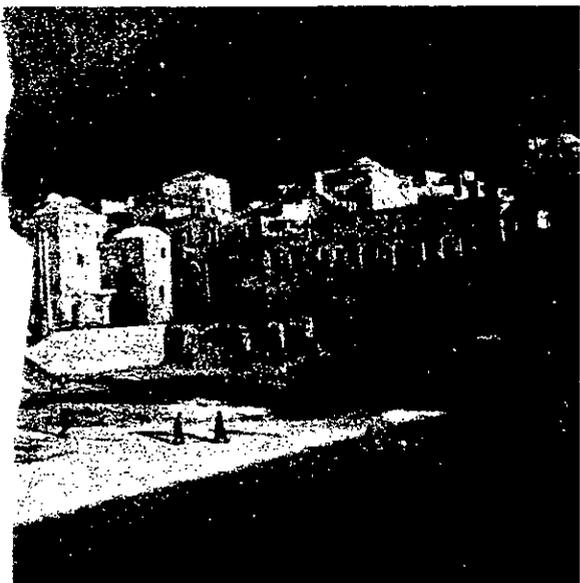
cargo van

**CARGO VAN TRANSPORTES LTDA.**

MUDANÇAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS PARA TODAS AS PARTES DO BRASIL E DO MUNDO.

SERVIÇOS PORTA À PORTA E PORTA À PORTO  
AGENTES EM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO.  
EMBALAGENS, ARMAZENAGENS, SEGUROS.

**CARGO VAN TRANSPORTES LTDA. — AV. Rio Branco, 277 Grupo 1707**  
**Telefone: 252.4938 - Caixa Postal: 2363.**  
**End. Teleg.: CARGOVAN - Rio de Janeiro — RJ.**



judeus, e fazer com que eu seja mais não-judeu. Em suma: procurar superar sua condição judaica é procurar, junto com outros, superar alguns aspectos da condição humana. E fazê-lo, não ideologicamente e na teoria, mas existencialmente, cada qual por si, e praticamente.

Darei três exemplos de tal superação da condição judia. Escolhi os exemplos entre muitos possíveis, tendo por critério o fato dos três homens exemplares terem abandonado o judaísmo, e terem influenciado poderosamente os acontecimentos em sentido de judaização da vida. O primeiro é Spinoza. O raciocínio por ele aplicado em sua ética e por ele chamado "More Geometrico", é no fundo o raciocínio chamado na tradição judia de "pilpul". Trata-se de lógica fundada, não como a grega, sobre formas. Mas sobre vivências concretas. Ao ter Spinoza aplicado o pilpul em ensaio destinado ao grande público filosófico ocidental, em vez de utilizá-lo no estudo do Talmud, conseguiu injetar tal método talmudico para dentro do pensamento filosófico, e mais tarde também científico, do Ocidente.

O segundo exemplo é Marx. A célebre "virada de Hegel para que fique com os pés no chão" consiste na inversão das funções hegelianas do espírito e da matéria. Para Hegel a matéria tem estrutura do espírito, é lógica, por ser objeto do espírito, e a desalienação (salvação), é o conhecimento (a espiritualização da natureza). Para Marx o espírito opõe sua estrutura lógica ao absurdo da matéria, à sua perfídia, por ser o espírito a antítese da natureza, e a desalienação é o trabalho, a praxis (a humanização da natureza e a naturalização do homem). Ao ter destarte Marx injetado a vi-

vência judaica do gesto absurdo enquanto sacralização da vida para dentro do diálogo ocidental, em vez de reservá-lo à vida judaica ortodoxa, impregnou ele com sabor judaico todo o pensamento político e social da atualidade.

O terceiro exemplo é Husserl. A "Volta para a coisa mesma", que consiste em suspensão de todos os juízos e no estabelecimento de um silêncio atento ("epoché"), no qual as coisas podem assumir a palavra, é, no fundo, a observação do sábado, daquela interrupção da atividade cotidiana que abre o espaço ao sacro. Ao ter Husserl assim observado o sábado e se aberto ao chamamento da voz no contexto da pesquisa ocidental, em vez de fazê-lo ritualmente no seio da família judia, mergulhou ele toda a ciência e a arte do século 20 no clima da sabaticidade.

**O**s três homens exemplares são difíceis de serem seguidos, por serem de ordem de grandeza diferente da nossa. No entanto, podem servir de modelos para o que aqui se pretende por "superação da judaicidade". Mas é claro que tais modelos são aplicáveis apenas dentro de um contexto histórico concreto. Toda decisão existencial se dá em meio de situação dada, e não no vazio. Portanto é preciso considerar a nossa situação, dentro da qual somos chamados a tomar atitude face a nossa judaicidade. Direi que, do ponto de vista judeu, a nossa situação se caracteriza, e se distingue das anteriores, pela existência do Estado judeu. Possivelmente historiadores futuros não concordarão com tal juízo e afirmarão que o que caracteriza a situação judia do final do século 20 é a passagem do centro do judaísmo da Alemanha para os Estados Unidos. Mas, para nós, que estamos mergulhados nos acontecimentos, é o Estado judeu que representa o desafio em toda decisão existencial quanto ao judaísmo, e devemos tentar enfrentar honestamente tal desafio.

Até muito recentemente era possível enfrentar o Estado de Israel com equanimidade: podia-se concordar ou discordar da ideologia sionista, podia-se simpatizar com tal aspecto e antipatizar com tal outro aspecto da realidade *israeli*, mas podia-se, em todo caso manter certo distanciamento diante dele, se a decisão existencial tomada era a de superar-se o judaísmo. Tal equanimidade não é mais possível. Torna-se penosamente óbvio que as taras originais do sionismo, (ter sido ele ideologia nacionalista pequena-burguesa típica do século 19), taras essas encobertas por longos anos de governo trabalhista, estão surgindo

**DR. MOYSÉS COHEN**

CRM — 366.2

**CIRCUNCISÃO**

Tels.:

265-7965 - 245-6075 - 255-0038



**VEIGASOM**

**O SOM QUE TRANQUILIZA**

Os Melhores e Mais Atualizados  
Equipamentos de Som

RUA DA QUITANDA, 30 — GR. 502

TELS.: 232-7509 — 252-4695 — 263-0579 — 252-8587

Rio de Janeiro — RJ

# Ensaio

para a superfície e estão dando seus frutos. O fato do Estado judeu ser "objetivamente" instrumento da opressão, e serem os responsáveis pelo Estado engajado em atos de injustiça, não pode ser minimizado dizendo que se trata de resultado de fatores externos ao "projeto sionista". Está contido em tal projeto desde a sua origem, e isto está se tornando evidente apenas agora. Por isto exige tomada de posição por parte de todo judeu, não importa a sua atitude face ao judaísmo.

Não direi que a tomada de uma tal posição é fácil. Pelo contrário é tarefa dura. Mudar de posição é sempre muito penoso, até quando se trata de questão na qual não se é existencialmente diretamente envolvido, e darei um exemplo. Na guerra do Vietnã era normal, durante anos, simpatizar-se com a causa dos que combatiam a intervenção americana. Luta de um povo contra as forças mecanizadas dos interesses econômicos exploradores. A prontidão de centenas de milhares de homens de morrer no mar em vez de suportarem o regime dos tais combatentes pela liberdade obriga a repensar tal engajamento. Não que tal fuga para dentro do afogamento justifique, ex post, a intervenção americana. Mas obriga ao reexame dos dados, e isto é muito penoso, se for feito honestamente: porque simpatizar com luta libertadora é fácil, mas ter que refinar sua atitude é difícil. Muito mais difícil ainda é tal reexame de posição quando se trata de questão que nos envolve existencialmente, enquanto judeus.

**E**stou falando no Instituto Goethe. Darei pois três exemplos alemães da dificuldade quase insuportável de tal tomada de posição: o desafio que o nazismo representava para os intelectuais alemães nos anos anteriores às brutalidades mais evidentes (de 1933 até 1936 por exemplo). Não que queira comparar o sionismo atual com o nazismo daqueles anos. Pelo contrário: precisamente porque o sionismo é fenômeno menos nítido, a tomada de posição é atualmente mais difícil para nós do que o era para os alemães naquele momento. E é por isto que os exemplos servem: por sua nitidez. O primeiro exemplo é Heidegger: no conflito entre a sua condição alemã, e sua ambivalência face ao nazismo, calou-se, e fez o juramento de fidelidade ao *Fuehrer*. O segundo

exemplo é Jaspers: resolveu o conflito abandonando a Alemanha. O terceiro exemplo é Thomas Mann: engajou-se contra o nazismo. A história passa com desdém pela atitude de Heidegger, o maior dos pensadores da atualidade. Jaspers, esse sábio modelar, não poderá ser admirado na decisão então tomada. Mas Thomas Mann, que decidiu lutar contra o nazismo precisamente por ser alemão, e que escreveu livro sobre o judaísmo, "José e Seus Irmãos" precisamente no momento das perseguições, é paradigma de dignidade.

Dentro da situação concreta na qual estamos, tão extraordinariamente rica em aspectos de difícil penetrabilidade, não podemos decidir quanto a nossa condição de judeus sem respeito ao Estado judeu. Isto é pena. Há, na nossa situação, toda uma série de desafios muito mais significativos, e que exigem que tomemos atitudes. Mas não podemos esquivar-nos do problema colocado pelo Estado de Israel, refugiando-nos na complexidade da situação geral que nos cerca. É especificamente em função de Israel que o contexto nos obriga a tomarmos nossas decisões enquanto judeus. Se quisermos superar nossa condição judia em prol de uma humanidade mais livre e mais rica, é o problema da existência de um Estado judeu, deste concreto Estado judeu atual, que devemos tentar a superação difícil. Não adiante lamentar que o Estado é como é: devemos assumi-lo junto com o resto da nossa judaicidade, se quisermos superá-lo. E em tal conflito



## COLONIAL CABELEIREIROS

Av. Cidade Jardim, 1.013  
Tel.: 210-3184 - 210-3342

Av. Brigadeiro Faria Lima, 1.191  
Shopping - Tel.: 212-4384

Rua Pamplona, 1.704 - Eldorado  
Tel.: 280-5453

Rua Turiassu, 2.100  
Shopping Center Matarazzo  
Tel.: 262-4104



## OFASA

ORGANIZAÇÃO IMOBILIÁRIA ADMINISTRADORA S.A.

- ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS
- LOCAÇÕES
- COMPRA E VENDA DE IMÓVEIS

Rua Marconi, 53 - 12º e 13º andares  
Tels.: (PABX 10 linhas) - 37-3541 - São Paulo - SP.

creio que o exemplo dos três alemães mencionados pode ajudar-nos.

**E**sta palestra não é tentativa de recomendar solução qualquer de conflito implícito na existência judia. Como poderia sê-lo, já que estou convencido que conflitos existenciais somente podem ser resolvidos na solidão da reflexão ensimesmada? Pelo contrário: esta palestra visa apenas enumerar alguns dos aspectos deste conflito. Mas há isto: reflexão ensimesmada exige diálogo precedente, e engajamento subsequente. De maneira que esta palestra visa contribuir para o diálogo que deve necessariamente proceder toda reflexão, e destarte também apra os engajamentos que devem necessariamente resultar das re-

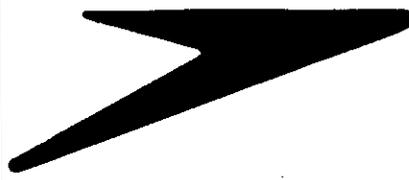
flexões que esta palestra visa provocar nos que me ouvem.

Tais ouvintes não são todos os que comigo compartilham da situação na qual me encontro. Porque a existência judia não é problema e conflito para os judeus: o é para todos que convivem com judeus. E é precisamente por isto que superar seu judaísmo em prol de uma humanidade mais livre não é tarefa apenas para judeus: é tarefa realizável apenas em colaboração entre judeus e não judeus. Colaboração na qual os outros se judaizam. e os judeus se desjudaizam, isto é, todos se alteram pelo reconhecimento mútuo nos outros. A um tal diálogo que visa superar determinações humanas apresente palestras se quer convite: este é o seu engajamento. ■



Pratique esporte com

CNFFND®  
 CNFFND®  
 CDEEND®  
 CDEEND®  
 SPFFND®  
 SPFFND®  
 SPEEDO®



**A. Brusa**

INTERCÂMBIO CULTURAL  
 — EUA —  
 Hospedados em casa de  
 família americana.  
 Duração de 6 meses e de 1 ano.

CURSOS NO EXTERIOR  
 ELS — LANGUAGE CENTERS  
 (EUA)  
 23 centros a sua escolha com  
 duração de 4 semanas a 9 meses.

SOUTHEASTERN OKLAHOMA  
 UNIVERSITY (SOSU)  
 Cursos de 8 e de 18 semanas  
 Também de atualização profissional.

EUROCENTRES (EUROPA)  
 Cursos de Inglês — Francês  
 Alemão — Italiano — Espanhol  
 Também de atualização profissional.

Av. República do Libano, 2090  
 (Ibirapuera)  
 Fones: 544-4358 — 70-8617  
 70-0679.

a moda  
 em  
 seus pés

CALÇADOS E CARTEIRAS KILA

Rua da Consolação, 3.153  
 Tels.: 851-1416 e 852-5414

Agora também na  
 Lorena, 1580, Tel.: 881-2953

Plantão no próprio loteamento  
 ou nos escritórios da



Campos do Jordão

Planejamento e Vendas  
 Campos do Jordão: Av. Macedo Soares, 175 — Tel.: (DDD 0122)  
 63-1343 — Vila Capivari — S. Paulo: Al. Joaquim Eugênio de  
 Lima, 981 — Tels.: 289-2293 — 284-3268 — 288-1361.



No Parque Pedra do Baú a valorização  
 anda junto com o seu lazer.  
 Desfrute a vida ao máximo.